

Design-Brasil-Urgente!
Proposta de temas para reflexão e ação
Joaquim Redig
8.7.2002
(original em 17.4.2002)

I Simpósio do LaRS . 2002



PREOCUPAÇÃO

Tenho ficado, como muitos, cada vez mais estarecido com os rumos que o Brasil - e o mundo - vem tomando nos últimos anos.

Fico muito preocupado com o presente e principalmente com o futuro, com o que vamos legar para as próximas gerações, e gostaria de compartilhar estas angústias, e trabalhar para resolvê-las, com outras pessoas que também pensam assim, e se sentem co-responsáveis, de alguma forma, pela sociedade.

Há 36 anos venho exercendo, continuamente, a atividade de Design no Brasil, e tenho observado, cada vez mais, como essa atividade é capaz de apontar alguns caminhos, que nascem das responsabilidades do designer, em seu dia a dia:

1. o foco no usuário
2. a valorização da informação
3. a relação intrínseca entre conteúdo e forma
4. o domínio da tecnologia
5. a busca da produtividade
6. a referência cultural
7. o destino social do produto
8. a visão sistêmica

Acho que os designers têm grande contribuição a dar para resolver esses problemas:
afinal, "resolver problemas" é nossa especialidade:

ALGUNS REFLEXOS DA CRISE, dedilhados a esmo:

Pode parecer que não estamos falando de Design, mas estamos:

Empilhar as pessoas em arranha-céus não é a melhor maneira de abrigá-las. O desastre com as Torres Gêmeas foi proporcionalmente muito maior que o do Pentágono, se compararmos as alturas dos respectivos prédios. Não fosse a arrogância do tamanho exagerado das Torres,

Bin Laden não teria dado seu "show".

Eleitores estadunidenses alegaram que se confundiram com a cédula na última eleição presidencial, em 2000.

Sabe-se que Bush quase não foi eleito, e ganhou por pouca diferença. Será que se aquela cédula tivesse um design gráfico preciso, sem induzir a erros, ele teria sido eleito? E será que, caso ele não tivesse sido eleito, teriam as Torres permanecido de pé?

Aliás, por falar em cédula eleitoral, porque nos EUA elas são reais (de papel) e no Brasil são virtuais (eletrônicas)?

E falando em Programação Visual, o que lhe sugere uma organização cuja bandeira é formada pelo desenho de uma caveira branca sobre fundo preto, com uma espada enfiada no meio e duas pistolas cruzadas embaixo? Trata-se do símbolo do Bope, batalhão de elite da Polícia Militar do Rio, encarregado de libertar seqüestrados, símbolo que vimos no início deste ano nos jornais, desfraldados no alto dos morros ocupados por este grupo policial, nas favelas cariocas. (lembra o símbolo clássico dos piratas, tão comum nas histórias em quadrinhos).

No início de abril, a TV deu uma notícia sobre um corpo humano que teria sido esquartejado e suas partes espalhadas pela Av. Copacabana. Alguma autoridade teria dito então que a população não precisava se preocupar porque o corpo seria de um traficante. Você não sendo traficante, não tem porque se preocupar. Marshall MacLuhan já dizia nos anos 70 que "o meio é a mensagem". Aquele corpo podia até não ser humano (nos dois sentidos: ser e sentimento). O fato é que estava espalhado na avenida: sem dúvida, sinal de guerra! Como as Torres caíndo, espalhadas nas TVs.

Presos amontoados em jaulas, sem fazer nada o dia inteiro, sem higiene nem segurança, para não falar em dignidade, só podem sair de lá (em geral fugindo) ainda mais furiosos, e portanto perigosos. Um delegado de São Paulo, pensando nisso, mandou tirar as grades das celas. Agiu como designer.

Quando se nomeia um presídio de "Segurança Máxima" imagina-se que ele apresente instalações, equipamentos e controles mais seguros que outros presídios - que poderiam portanto ser classificados como de "Segurança Média" e "Segurança Mínima".

Quando há um mês se revelou ao público que os presos continuavam a agir normalmente de dentro do "Presídio de Segurança Máxima Bangu I", no Rio de Janeiro a ponto de o apelidarem de "escritório central do crime organizado", a população descobriu que a "segurança máxima" referida é aquela necessária para que os detentos continuem a "trabalhar". E mais: com tudo pago por nós, cidadãos (instalações, equipamentos, alimentação, manutenção e pessoal de controle).

O poder público vai acabar com o crime organizado quando quiser.

Como, nos anos 70, acabou com a guerrilha comunista.
Se organizou, se armou, e foi à luta. Venceu porque decidiu vencer.
Os bandidos estão vencendo porque eles querem vencer,
este é o seu "empreendimento".

A polícia, ganhando ou perdendo, ganha (de nós) todo mês o seu salário
(parco, diga-se de passagem, como o de todo funcionário público,
o que representa mais uma posição de desvantagem para ela).

Quando, em meados dos anos 90, implantaram em alguns bairros cariocas
o projeto Rio Cidade, que gerou uma série de melhorias pequenas
mas importantes para o bem estar dos transeuntes,
dando-lhe mais conforto, mais espaço, mais vegetação,
muita gente reclamou que aquilo era "cosmética",
e que as prioridades para o investimento público deveriam ser saúde e educação.
Mas para chegar aos hospitais e escolas, não temos que andar pelas calçadas?
Se pararmos tudo, para atender apenas às "prioridades", então o país fecha.

Mas, para quem gosta de defender prioridades,
eu recomendaria em primeiro lugar acabar com a fome no país, e no mundo.
O resto - saúde ou educação, habitação ou transporte, ciência ou tecnologia -
viria depois.

E seria muito fácil atender a essa "prioridade":
juntando toda a comida que se joga fora
- dos restaurantes, das casas, dos mercados -
daria para alimentar os que passam fome.

Um mercadólogo (ou marqueteiro?) que trabalha
ou trabalhava para a ex-futura-candidata a Presidente
disse nos jornais que "nessas horas" (como quando encontram dinheiro sem explicação)
é importante dar "uma só" justificativa e "ir com ela" até o fim.
Falou pensando no emissor da informação, não no receptor
(usuário, para o design) - no caso, o público em geral.

Recentemente começou a aparecer nos jornais um belo logotipo em forma de "8",
verde-amarelo-azul, com estrelas brancas dentro, escrito embaixo "Governo do Brasil"
Na primeira vez que vi fiquei olhando, olhando,
e não entendi o que aquilo queria dizer...
Seria mesmo um 8? ... Seria um infinito em pé?

Depois, surgiu a explicação, no slogan
"Governo do Brasil: 8 anos construindo o futuro".

Aí, pensei, imediatamente:

Como assim, 8 anos, e o que estávamos fazendo nos 172 anos anteriores?

Eu, pelo menos, durante 4 x 8 anos, estive, assim pensava,
construindo um pouquinho do futuro do Brasil, na parte que me cabe.

Ah, sim, finalmente entendi: são 8 anos DESTA governo do Brasil:
trata-se da propaganda do Presidente atual, há 8 anos no poder,
visando terminar com uma boa imagem, e talvez também eleger seu sucessor.

Pela lei, governo pode fazer propaganda, governante não pode. Qual a diferença?
Todos sabem quem são os governantes atuais,
que estão encomendando aquela propaganda.
Se a propaganda é do Governo do Estado

e o Governador do Estado é o Fulaninho
a propaganda não é do Governo do Fulaninho?

E você pagaria seus empregados para falarem bem deles mesmos, para você?
Afim, os governantes não são nossos empregados
(pagos pelos nossos impostos para trabalhar para nós)?
E quem paga a propaganda governamental, não são também nossos impostos?
Você concorda que o dinheiro dos impostos que você paga seja gasto em propaganda?
Você sabe quanto custa a propaganda?
(note que não estamos falando de campanhas de utilidade pública)

Porque até hoje não existe nas cidades do Brasil um sistema de comunicação visual
que permita aos passageiros compreenderem o sistema de transporte público,
como é tão fácil encontrar em outras cidades?

E porque não existe numa cidade grande e antiga como o Rio de Janeiro
um sistema de transporte público eficaz, como existem em tantas outras?
- a última grande inovação nesta área foram as vans,
sub-produto da abertura às importações.

Quanto o Brasil perde em produtividade, ou,
quantos reais o país gasta
com o tempo e combustível (desperdiçados) e com o stress e poluição (acumulados)
nos engarrafamentos e nos longos e desnecessários trajetos no trânsito
das grandes cidades brasileiras?

Versus:

Quanto custaria resolver esses problemas de trânsito?
Quanto aumentaria o PIB brasileiro se resolvêssemos o problema do trânsito?

Quando alguém argumenta
que não há dinheiro para resolver o problema da fome
eu pergunto quanto custa manter o problema da fome?
Quando alguém me pergunta quanto custa um projeto
ou diz que projeto ou inovação custam caro,
eu pergunto quanto custa manter os problemas existentes?

Estas são as contas que deveríamos fazer,
analogamente, para todas as áreas de ação do governo.

Todo mundo sabe que, quanto mais tempo você fica com um problema
mais cara fica sua solução.

Como uma casa: quanto mais você demora a fazer manutenção
mais cara e difícil ela se torna.

Os designers - assim como os arquitetos e engenheiros -
sabem que resolver o problema é mais barato que deixá-lo se agravar.

Para que serve o imponente painel luminoso da CET-Rio,
alto, em pórtico sobre a avenida,
feito para informar sobre as condições de tráfego,
se nele está escrito:

"B.Medeiros: LENTO - E.Pessoa: INTENSO" - qual a diferença?

Ou:

"Disque-Sinal: 2234.5567" (não lembro o número).

Para que serviria este telefone? Para denunciar sinais quebrados?

Ou sinais mal colocados, ou colocados em lugares errados?

E espera-se que eu pare o carro no meio da rua para anotar o número do telefone?

Ou que eu decore o número?

Ou ainda - acredite:

"Parabéns 10 anos CET-Rio" (já viu alguém dar parabéns para si mesmo?).

Então, não olho mais esses painéis.

Para mim, jogaram (jogamos) dinheiro fora.

Aliás, quanto custou, cada um?

Tem mais: as letras desses painéis eletrônicos, feitas de centenas de micro-lâmpadas, às vezes entram "deslizando" pela tela (acendendo sequencialmente)

da esquerda para a direita, ou vice-versa,

ou do centro para as extremidades, ou vice-versa.

Porquê fazem esses movimentos? para divertir os motoristas?

que não teriam nada mais interessante para olhar na rua, enquanto dirigem?

Trata-se aqui, mais uma vez, de uma mistura equivocada entre design e propaganda, isto é, de não se perceber a diferença entre informação e persuasão.

Ou entre receptor e emissor da mensagem.

Em São Francisco, Estados Unidos, dirigindo diariamente numa mesma via expressa, um dia vi uma mensagem, antes de uma curva da estrada:

"Tráfego parado adiante".

Imediatamente diminuí a velocidade. Logo depois da curva, tudo parado.

Nunca tinha visto aquele painel antes.

Só vi, isto é, só fui chamado a ver, quando precisei.

No Rio, não são os motoristas que desrespeitam os sinais, são os sinais que não respeitam os motoristas.

Ou seja, são os planejadores dos sinais que desrespeitam os motoristas.

Gostaria de saber quantos pontos na carteira de habilitação

perde um administrador de trânsito que mantém os sinais funcionando normalmente -verde-amarelo-vermelho-verde-amarelo-vermelho-verde-amarelo...-

durante a noite e madrugada inteira, e nos fins de semana,

nas ruas vazias em frente a todas as escolas da cidade?

Há poucos anos um delegado ficou famoso aqui no Rio

porque recomendava que as pessoas não parassem em sinal vermelho de madrugada, porque (além de não ter trânsito) elas poderiam ser assaltadas

- finalmente, alguma autoridade disse alguma coisa em que nós acreditamos!

Mas, na prática, se tiver um guarda ali atrás de você naquela hora,

ou uma máquina fotográfica automática escondida em cima de um poste,

você vai mesmo é perder a carteira de motorista.

Então você pode escolher entre o assalto ou a multa - que não deixa de ser um assalto.

Quando, em janeiro de 1999, o governador Mário Covas reduziu o valor do ICM, o valor total da arrecadação desse imposto aumentou, para o Estado de São Paulo, porque estimulou a produção e o consumo, objetivo da redução.

Quanto mais aumentam os impostos mais aumenta a sonegação,

mas em proporção geométrica, e não aritmética.

Os camelôs atendem às necessidades de consumo barato e rápido de muita gente. Se não, eles não estariam ali.

Atualmente existem mais trabalhadores informais do que com carteira assinada.

Estima-se que a indústria pirata no Brasil movimenta 5% do PIB.

Quantas pessoas, quantos produtos, quanto trabalho, quanta energia, são empregados aí?

Esses tantos trabalhadores são piratas por amor à ilegalidade, ou porque o país não estimula nem a produção nem o comércio nem o consumo, (e nem mesmo os direitos autorais), e só pensa em criar e cobrar impostos?

Voltando ao exemplo dos transportes públicos:

Até pouco tempo atrás, aqui no Rio,

para ir do Leblon ao Centro da Cidade, isto é, para atravessar 5 ou 6 bairros, só haviam 2 opções:

ou você pagava 1 real e levava 2 horas dentro de um ônibus (muitas vezes cheio, indo pelas ruas comerciais internas congestionadas,

parando em sinais em todas as esquinas

e em pontos de parada em todos os quarteirões,

e além disso suando atrás de vidros que não abrem direito

para que os delinquentes não entrem ou saiam pelas janelas),

ou então você pagava 15 reais e levava 1/2 hora dentro de um táxi (semi-vazio com ar condicionado, indo pela orla e apreciando a paisagem).

Hoje as vans - a maioria importada do Japão -

te levam à Cidade pela orla, por 3 reais, em pouco mais de 1/2 hora (quase sempre com ar condicionado).

Mas durante muitos anos os motoristas de vans foram considerados "piratas", perseguidos pelos fiscais e pela polícia, fazendo carreatas e lutando para trabalhar.

Empurrados pela recessão econômica do país

(muitos são, ou eram, profissionais liberais que deixaram seus empregos),

e sugados pela carência de transporte eficaz e econômico na cidade.

a realidade (o consumo) obrigou o governo a legalizá-los

- pelo menos temos a sorte de estar vivendo numa democracia! -

e hoje a população tem uma alternativa de transporte mais equilibrada, e não perversa.

Acredito que o fenômeno tenha ocorrido também em outras cidades brasileiras.

Tom Jobim, com sua graça e lucidez, dizia que o Brasil não gosta de quem trabalha.

Mas muitos, como eu, gostam de trabalhar. E gostam do Brasil - apesar dos problemas.

Então, como mudar isso?

Acho que os designers têm muito a contribuir para essa mudança.

Sua metodologia de trabalho se baseia num enfoque abrangente dos problemas, para que a solução possa ser definitiva, e não paliativa.

É isso que o Brasil precisa.